

Do oral ao hipertextual: a biografia na produção cultural contemporânea

Denise da Costa Oliveira Siqueira*

RESUMO

Nas sociedades da escrita, histórias de vida recontadas através de biografias nascidas na tradição oral, continuaram a servir como modelo para a produção cultural. Hoje, as tecnologias digitais potencializam o espaço da biografia na cultura contemporânea. Este artigo busca refletir sobre as novas tecnologias de comunicação, a escrita e a biografia como extensões da memória e instrumentos de transmissão de saber.

ABSTRACT

In the writing societies, histories of life retold by the way of the biographies born in the oral tradition, still functions as a model for the cultural production. Today, the digital technologies give a new potencial to the space occupied by the biography in the contemporary culture. This article tries to make a reflection about the new communication technologies, the writing and the biography as extensions of memory and instruments of knowledge transmission.

69

* Denise da Costa Oliveira Siqueira é pesquisadora e professora da Faculdade de Comunicação da UERJ. Doutoranda em Comunicação na ECA/USP. Colunista e jornalista colaboradora do caderno cultural da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro. Autora de *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo* (Ed. Annablume, 1999).

“O que acabo de escrever é falso. Verdadeiro. Nem verdadeiro nem falso, como tudo o que se escreve sobre os loucos, sobre os homens. Relatei os fatos com a exatidão que a minha memória permitiu. Mas até que ponto creio eu no meu delírio?” (Sartre)¹

Introdução

Mitificadas, espetacularizadas pelos meios de comunicação de massa, as novas tecnologias surgidas a partir da implementação das redes mundiais de computadores levam à reflexão sobre comunicação. Entre os aspectos a ser repensados figuram a passagem da oralidade para a escrita e dessa para o hipertexto, a interatividade entre o emissor e o receptor, além do trânsito e do armazenamento de informação. No entanto, o fato de redes de computadores se consolidarem como meio de comunicação faz pensar especialmente sobre a memória e a transmissão de saber.

Quando se pensa em memória na produção cultural contemporânea, é possível lembrar de um formato no qual ela é freqüentemente transmitida: o de biografia. A biografia estende-se dos livros aos filmes e às minisséries para televisão, aos CD-Roms e às páginas pessoais na Internet.

70

Uma rede de computadores como a Internet, fruto de novas tecnologias, é, na realidade, um conjunto de memórias digitais ligadas entre si. As informações contidas em arquivos gravados em máquinas espalhadas por vários países podem ser consultadas com velocidade e comodidade pelos grupos sociais que têm acesso a essa tecnologia. Fazendo analogia ao pensar de McLuhan, para esses usuários, os arquivos constituem-se em poderosas extensões da memória humana.

Em outra perspectiva, os não-usuários podem ser considerados excluídos desse processo que possibilita ampliação do alcance da memória e o acesso a determinadas informações.

Nas sociedades de tradição cultural oral, antes da invenção da palavra escrita, a memória era transmitida de uma geração a outra através de mitos, parábolas e ensinamentos explicados por um mestre a seus discípulos. Posteriormente, desenhos em grutas, em pedras, em ossos e em artefatos de argila e madeira funcionaram como primeiras formas de registro e transmissão de mensagens de forma mediada, sucedendo suportes primários como o ar e o próprio corpo.

A escrita tornou possível prolongar a memória sem a intermediação de outros homens. Possibilitou também falar aos outros mesmo após a morte e aprender sem a presença física de um mestre. Com isso,

nas modernas sociedades da escrita, a impessoalidade na transmissão do saber se tornou regra. Mesmo assim, o exemplo de histórias de vida recontadas através de biografias nascidas na tradição oral, continuou a servir como modelo para a produção cultural. Dessa forma, se efetua a complementaridade da biografia e das novas tecnologias, o que a princípio poderia parecer paradoxal. Na realidade, as tecnologias digitais expandem o potencial da biografia na cultura contemporânea.

Este artigo busca, então, refletir sobre as chamadas “novas tecnologias” de comunicação, a escrita e a biografia como extensões da memória, instrumentos e formatos de transmissão de saber.

Biografia: mito e memória

De lembranças, depoimentos, documentos e, às vezes, um pouco de ficção, se constrói uma biografia, estilo que celebra a memória, através da reconstrução da vida de alguém. No Brasil, além da indústria editorial, o cinema, o teatro e a televisão têm investido neste gênero.

No cinema, produções recentes como “Mauá: o imperador e o rei”, “Chatô”, “Lara”² e “Villa-Lobos: uma vida de paixão” exemplificam essa presença. No teatro, no início de 2000, no Rio de Janeiro, a peça “Crioula” contou a vida de Elza Soares. Antes dessa, esteve em turnê pelo país a peça “Hilda Furacão”, que foi tema de minissérie produzida e exibida em 1998 pela Rede Globo de Televisão. Em 1999, a mesma emissora exibiu “Chiquinha Gonzaga”, série romanceada sobre a vida (amorosa) da compositora brasileira. Todas essas produções, fartamente comentadas nos veículos de comunicação, em especial, nos cadernos culturais e nos programas de entrevistas, têm inspiração biográfica.

Como a biografia pode mesclar fatos e ficção, as biografias comercializadas, por vezes, geram conflitos com os biografados ou seus parentes. De fato, as biografias não-autorizadas fazem sucesso recontando ou reconstruindo vidas de princesas, atores de cinema e personalidades que freqüentam as páginas e telas dos meios de comunicação de massa. Os chamados “olimpianos” - personalidades que freqüentam o “Olimpo” da mídia - são temas preferidos de biógrafos. Conforme Edgar Morin,

Um Olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetua a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram nessa dupla natureza um complexo virulen-

to de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são os condensados energéticos da cultura de massa. (...) Conjugando a vida quotidiana e a vida olímpiana, os olímpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos. Encarnam os mitos de auto-realização da vida privada. (Morin, 1990, p.107)

Morin leva a entender que vive-se atualmente em uma espécie de cultura popular de celebridades. A vida e imagem dos ricos e famosos fascina o público que consome cultura de massa. Revistas “especializadas” em “pessoas”, canais de TV por assinatura e editoras investem e se mantêm mostrando todo o tipo de biografia. A imprensa privilegia entrevistas e perfis em detrimento de reportagens, valorizando “pessoas” no lugar de fatos ou acontecimentos “impessoais”.

Nesse contexto, ter fama torna-se fator de *status*, mesmo que essa fama não venha acompanhada de uma boa reputação ou que seja fugaz. A fama diferencia o indivíduo da maioria, tirando-o do anonimato. Por isso, ter fama implica em ser personagem dos meios de comunicação de massa, uma vez que a mídia constrói (e destrói) mitos.

Assim, há dois aspectos importantes a se ressaltar na análise sobre biografias na produção cultural contemporânea. O primeiro é que as biografias, em especial aquelas que constam das listas de livros mais vendidos, retratam a vida de personalidades “habitués” dos meios de comunicação de massa. O jogador de futebol Garrincha, é um exemplo: considerado um fenômeno nos campos de futebol, foi casado com uma cantora famosa, Elza Soares, teve problemas com álcool e morreu pobre. Garrincha é personagem do imaginário brasileiro e foi retratado em jornais, revistas, programas de rádio e de televisão. Sua biografia, sob forma de livro, é continuação e perpetuação de uma estratégia que já vinha construindo uma imagem do jogador. Elza Soares também foi objeto de biografia e sua vida foi recentemente recontada em peça de teatro.³ Nesse sentido, o livro, com durabilidade e portabilidade maior que o jornal, a revista, o programa de televisão ou de rádio, busca resumir e preservar os signos que os demais meios de comunicação trabalharam.

Assis Chateaubriand é outro personagem que tornou-se tema de biografia. Polêmico dono dos Diários e Emissoras Associados, uma cadeia de jornais, rádios e televisão, esteve por muitos anos por trás do que se publicava em boa parte dos meios de comunicação brasileiros. Frequentou páginas de jornais ao lado de presidentes da república, autoridades civis e militares e estrelas do rádio e da televisão. As-

sim como Garrincha e Elza Soares, Chateaubriand também era personagem midiático antes de ser biografado.

Outro exemplo, ainda, é Odete Lara, biografada no cinema. Ela é a bela atriz que passou pelas telas do cinema, pelas novelas televisivas e pelas páginas de jornais e revistas.

No plano internacional, além dos artistas da indústria cinematográfica, a Princesa de Gales, Diana Spencer, ajudou a vender muitos livros baseados em sua vida, dentro do ramo das chamadas “biografias não-autorizadas”. Diana incorporou mitos de Cinderela, de princesa infeliz, mas bela e bondosa. Sua atuação foi fartamente “documentada” pela imprensa. Tão “registrada” que a imprensa sensacionalista acabou sendo acusada de provocar o acidente de carro que causou sua morte.

O segundo aspecto a ressaltar - complementar ao primeiro e anteriormente apontado - é que contemporaneamente boa parte destas biografias é escrita por jornalistas.⁴ Ou seja, são redigidas por profissionais que dominam a linguagem dos meios de comunicação de massa. Isso reforça a idéia da biografia como extensão - e sofisticação - de conteúdos veiculados em páginas de jornais e revistas.

A biografia revela fatos “interessantes” das vidas dos biografados. - “faits divers”, ou fatos inusitados, na linguagem jornalística - acontecimentos que ficaram restritos ao conhecimento privado de pessoas próximas e que, no livro, servem à função de atrativo comercial. Também pode revelar fatos que o biografado talvez quisesse que outros soubessem e não pôde ou não teve como tornar públicos.

Mas, algo a ser ressaltado é que a biografia exige algum espaço para os fatos. Quando escreve ficção, o autor pode esconder um erro histórico⁵ atrás da necessidade de dar coerência ao enredo. Na biografia, em especial a de pessoas vivas ou recentemente falecidas, tornam-se mais explícitos ao leitor e ao crítico os fatos que se perderam ou têm interpretações enviesadas quando decodificados pelos biógrafos.

Para evitar esse tipo de equívoco e, ao mesmo tempo, preservar ao máximo a “realidade”, em biografias de cunho acadêmico, há a preocupação com a consulta a acervos e documentos e a realização de entrevistas. Em biografias comerciais, nem sempre há preocupação com o rigor metodológico da pesquisa.

Waly Salomão, no início da biografia sobre Hélio Oiticica, na coleção Perfis do Rio, fala sobre isso assumindo sua limitação:

Um estilo enviesado é o que vou abusar aqui, uma conversa entrecortada igual ao labirinto das quebradas dos morros cariocas, ziguezague entre a escuridão e a claridade. Lama, foguete, saravada de

balas, ricochete de bala, vala a céu aberto, prazer, esplendor, miséria. Igual a um labirinto e a arte povera dos barracos das favelas do Rio de Janeiro. Variedade de elementos e, principalmente, ambigüidade de tratamento. Escrever tateando como se experimentasse saber das coisas que não se sabia ainda que se sabia. (1996, p.7).

Estilo de texto que é mais afetivo do que informativo, a biografia de Oiticica por Salomão foi fruto de lembranças pessoais e momentos compartilhados e não de visitas a acervos documentais. Mas, seu autor deixa essa opção clara no início da obra, quando escreve: “não cultuando a neutralidade axiológica ou a ficção da imparcialidade, tentei construir uma quase fábula interpretativa sobre HO” (1996, p.8).

A biografia pode ser espaço para ousadia, para a reinterpretção a partir de valores estéticos. Um exemplo é *Viagem ao México*, em que Silviano Santiago reinventa a viagem do dramaturgo Antonin Artaud ao país latino. Santiago reflete sobre esse seu trabalho:

Me fala a voz do bom senso: Você sabe tudo sobre ele; nada dele. Corrijo com palavras que oscilam entre a ousadia e o medo: Tudo sei dele; nada sei sobre ele.

Ouso/temo mais: No meu desconhecimento das coisas sobre Artaud é que concretizo as palavras dele. Ouso/temo alucinatoriamente: Sei bem a cabeça dela da maneira como uma comida sabe bem ao paladar. (1995, p.21)

74

Santiago escreve o livro em primeira pessoa, narra conversas fictícias que teria tido com Artaud, imagina atitudes que o escritor francês teria tomado. Tudo isso a partir de alguns dados “reais”. Seu texto, um romance, se torna uma biografia possível.

Já Ana Miranda, em *Clarice Lispector: o tesouro de minha cidade*, da coleção Perfis do Rio, faz uma biografia com capítulos curtos, que apontam mais para licença poética do que para leitura do real. Um desses capítulos/poemas, “o mundo de fora dentro do mundo de dentro dela”, é composto de seis linhas: “Tudo lhe parece impreciso demais, impossível de ser tocado. O que há dentro de Clarice é algo mais forte do que o que ela pode dar ao mundo. O que há dentro dela precisa mais de o mundo lhe ser dado do que o mundo lhe dá”. (1995, p. 27)

A produção e o consumo de biografias remete a alguns conceitos. Faz pensar, por exemplo, no fenômeno que autores como Michel Maffesoli chamam de “reencantamento do mundo”, o lugar ampliado na cultura para o elemento não racional, mítico que é característica da pós-modernidade. Isso tem reflexos na indústria cultural e em seus produtos. A biografia, por exemplo, tem sua faceta construtora e reprodutora de mitos, na medida em que exalta e reconstrói a memó-

ria de determinadas pessoas.

Memória aqui não tem o sentido apenas de retenção ou lembrança, mas de conteúdo da memória e suas relações com os interesses social e culturalmente determinados. É importante ressaltar que os conteúdos adquiridos na experiência podem ser alterados quando lembrados. As recordações tendem, portanto, a concentrar-se nos interesses de quem se lembra. Isso ocorre quando se produzem biografias enfatizando determinados aspectos ou períodos da vida do biografado. É o caso da autobiografia da infância do filósofo Jean-Paul Sartre. Em *As palavras*, Sartre escreve que pode ser falso ou verdadeiro o registro que deixa no livro, uma vez que relata os fatos com a exatidão que sua memória permite. (1982, p.61)

A biografia faz também refletir sobre essa busca de preservação da “memória coletiva” que parece preocupar tanto neste período de transição de década, século e milênio. É como se após o período de destruição do arcaico em prol do *moderno*, o ideário fosse o de reconstruir o que precedeu o moderno. David Harvey, em *Condição pós-moderna*, cita Aldo Rossi, quando pensa sobre a cidade e o papel do arquiteto em entender os signos da memória coletiva e os codificar nos monumentos (1993, p.84). A biografia faz metaforicamente o mesmo: escolhe um monumento a ser entendido - o biografado - e o recodifica a partir de elementos da memória coletiva para o público.

Complementando essa reflexão, recorre-se novamente a Maffesoli, que em sua análise sobre a pós-modernidade e sobre o “reencantamento”, escreveu que “progressivamente, o imaginário, que a modernidade poderia considerar como sendo da ordem do supérfluo ou da frivolidade, tende a encontrar um lugar de escolha na vida social” (1995, p.41). O imaginário pode ser relacionado com a memória social, o caráter social da construção da memória humana e das representações. Com isso, torna-se evidente o caráter simbólico que marca a memória.

Refletir sobre a biografia faz pensar sobre a construção da memória coletiva e sobre a participação que a indústria cultural pode ter nesse processo. Faz pensar também sobre o que o público busca neste gênero - baseado em “fatos”⁶. Talvez a biografia venda mais do que o romance porque não seja virtual ou possível, mas justamente mais próxima do real. Nesse sentido, uma obra biográfica teria, também, uma função pedagógica ou formadora, com leitores buscando no biografado “lições de vida” e o biografado servindo como material para construção de imaginário e signos de cultura. Esse aspecto semiótico fica claro no texto editorial das orelhas das biografias da coleção Perfis do Rio: “Perfis do Rio: um elenco de personagens marcados pela

efervescência, o sabor e as insondáveis paisagens da cidade que os nutriu e abrigou, e mais tarde tornaram-se verdadeiras marcas dessa mesma cidade – como emblemas, insígnias, referências obrigatórias de um tempo, um ambiente e um espaço que eles próprios ajudaram a eternizar com seu gênio e sua obra”.

Novas tecnologias e tradição oral

Sob o formato de produto da indústria da cultura, a biografia mitifica alguém sobre quem se conta uma história. O fato próprio de se produzir um bem (livro, filme, CD-ROM, página na Internet) sobre alguém, já aponta para aquela pessoa como “diferente”, ou “importante”, no sentido de que deve valer a pena saber sobre sua vida.

Mesmo no âmbito das tecnologias do digital, as chamadas “novas tecnologias”, o elemento biográfico encontra espaço. É na WWW (World Wide Web, ou web, interface gráfica da Internet) que se encontram as biografias em novo formato: as páginas pessoais. Se até antes do advento da Internet a biografia só era possível como produto que exigia o aval de uma editora ou a verba para a produção de um filme, as páginas pessoais da rede de computadores mudam em parte essa realidade anterior. Tendo acesso a um provedor, é possível construir uma página e nela contar uma versão da vida. Há espaços pagos e outros gratuitos próprios para abertura de páginas de anônimos e famosos.

76

Nessa perspectiva, a mudança cultural trazida pelas novas tecnologias manteria um elemento de origem anterior à sociedade escrita. Ainda nesse sentido, autores como Monot e Simon questionam se as mudanças culturais trazidas pelas novas tecnologias seriam tão profundas quanto as introduzidas pela escrita e pela tipografia.

De acordo com Pierre Lévy, “o aparecimento da escrita acelerou um processo de artificialização, de exteriorização e de virtualização da memória que certamente começou com a hominização” (1996, p.38). Mas o autor também reconhece que a escrita teve importância fundamental como instrumento de prolongamento da memória: “(...) a semi-objetivação da memória no texto certamente permitiu o desenvolvimento de uma tradição crítica. Com efeito, o escrito cava uma distância entre o saber e seu sujeito” (1996, p.38).

Dessa forma, assim que se estruturou e passou a fazer parte de processo de transmissão de conhecimento, a escrita ocupou, em parte, espaço reservado à tradição, à narrativa mítica que antes era empregada para transmitir informações de geração em geração:

Com a escrita, e mais ainda com o alfabeto e a imprensa, os mo-

dos de conhecimento teóricos e hermenêuticos passaram portanto a prevalecer sobre os saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica só pôde se impor numa ecologia cognitiva largamente estruturada pela escrita, ou, mais exatamente, pela escrita sobre suporte estático. (1996, p.38)

Enquanto reconhece, como Marshall McLuhan, a revolução cultural causada pela introdução da tipografia, Lévy parece equiparar a ela as tecnologias contemporâneas do digital. Como argumento, o autor escreve que só as técnicas digitais poderiam tornar disponíveis a imensa quantidade de informações que se produz hoje. Por outro lado, o mesmo autor levanta aspectos que, se analisados cuidadosamente, fazem o novo texto “on line” reproduzir características que, na realidade, descendem daquelas da comunicação oral. Conforme o autor, o texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a co-presença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral. (Lévy, 1996, p.39)

O novo formato de texto também busca na comunicação oral outras características como: pertinência em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais e brevidade, graças à possibilidade de apontar imediatamente as referências e eficiência (Lévy, 1996, p.39). Mas, além da comunicação oral, Pierre Lévy aponta elementos em comum entre a escrita e as novas tecnologias, em especial, o hipertexto:

Sabe-se que os primeiros textos alfabéticos não separavam as palavras. Foi só muito progressivamente que foram inventados os espaços em branco entre os vocábulos, a pontuação, os parágrafos, as divisões claras em capítulos, os sumários, os índices, a arte da paginação, a rede de remissão das enciclopédias e dicionários, as notas de pé de página... em suma, tudo o que facilita a leitura e a consulta dos documentos escritos. Contribuindo para dobrar os textos, para estruturá-los, para articulá-los além de sua linearidade, essas tecnologias auxiliares compõem o que poderíamos chamar de uma aparelhagem de leitura artificial.

O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. (1996, p.43).

Esse processo de artificialização da leitura foi distanciando-a cada vez mais da linguagem falada. Escrever exige, como entende Vernant, um novo modo de pensar.

Na Grécia Antiga, a leitura tinha como objetivo a produção de sons altos, capazes de aumentar a glória dos heróis cantada em versos. Ler era uma ação ligada à fala e a escrita só tinha sentido quando visava a uma leitura oralizada. Ler era tornar-se servo das palavras, por isso, era inicialmente atividade tida como subalterna, deixada aos escravos. Ao mesmo tempo, a leitura em voz alta era uma prática social compartilhada, espaço para encontro e convivência. Foi na Roma Antiga que a leitura (em especial a silenciosa ou em voz baixa), os rolos de papiro e pergaminho ganharam espaço entre os nobres. Somente no século II surgiu o códice ou códex, o livro no formato de brochura ou caderno de folhas que até hoje se conhece e que substituiu os textos em rolo.

Assim, a escrita teve a virtude de deter o processo veloz do pensamento para contemplação e posterior análise. Mas, sua mecanização reduziu o hábito do discurso oral como método de aprendizagem.

Jean-Pierre Vernant, estudando o mito na Grécia antiga, também registrou a passagem do oral ao escrito na cultura. Segundo o autor,

A redação em prosa – tratados médicos, narrativas históricas, discursos de oradores em defesa de uma causa, dissertações de filósofos – não constitui somente, em relação à tradição oral e às criações poéticas um outro modo de expressão, e sim, uma nova forma de pensamento. A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual. (1992, p. 173).

Os meios de comunicação de massa, no entanto, vêm cedendo espaço ao oral. E são justamente os meios que recorrem à tradição oral os que atraem mais público: televisão, rádio, cinema, Internet. A biografia ocupa parte desse espaço, trazendo embutido o mito como narrativa. No entanto, o espaço do mito/biografia não se restringe aos gêneros romanceados e estende-se pelo campo informativo, incluindo a área do jornalismo.

Considerações finais

Na década de 60, Marshall McLuhan dedicou vasto espaço de seu trabalho a explicar a “revolução” que a escrita, e posteriormente a tipografia, provocaram na cultura. A “galáxia de Gutenberg” - como o autor conceituou o universo do homem na era da impressão – teria representado um retorno do coletivo ao individual, do conhecimento transmitido pessoalmente a um conhecimento mediado pelo papel.

De acordo com McLuhan, a página impressa teria liquidado com 2000 anos de cultura manuscrita, criado o estudante/leitor solitário e

estimulado a interpretação particular em detrimento do debate. Todavia, os novos meios de comunicação, a televisão e o rádio, quebraram o monopólio do texto impresso.

As novas tecnologias seguiram a tendência do rádio e da televisão, reaproximando escrita e oralidade. Tábua, rolo, códex e agora, hipertexto nas telas dos computadores, são formatos que o livro assumiu ao longo dos séculos. Assim como as primeiras leituras eram feitas para ser oralizadas, as novas tecnologias, através das conversas on-line, também possibilitam uma aproximação dos modos oral e escrito de se comunicar. O espaço que a biografia ou as histórias de vida ocupam na produção cultural contemporânea confirma isso.

Sob o formato informativo, jornalístico ou de documentário, vários “produtos” culturais revelam sua relação com a biografia. Paradoxalmente, em uma indústria cultural que tende a ser impessoal, reservam-se espaços para “pessoas”. Proliferam revistas nas quais “Chiques e Famosos” mostram suas “Caras” e o interior de suas casas, abrem armários para fotos e apresentam objetos pessoais para câmeras. Na televisão reproduz-se o mesmo formato, em geral, mostrando atores e apresentadores da própria emissora que exhibe o programa.

Há lógica, então, no fato de que as mais recentes tecnologias de comunicação abram ou reservem espaço privilegiado para o elemento biográfico/narcísico. A diferença fica por conta da qualidade da participação do público. Enquanto nos meios tradicionais de comunicação de massa o espectador/leitor/ouvinte desfruta apenas da contemplação das narrativas e imagens dos olímpicos, na “web” ele pode ter suas imagens e narrativas expostas em sua própria versão autobiográfica.

79

Notas

- 1 Jean-Paul Sartre, na autobiografia de sua infância, *As palavras*, p. 61.
- 2 “Lara”, filme de Ana Maria Magalhães.
- 3 “Crioula”, peça montada no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, no início de 2000.
- 4 Como apontado por FILIZOLA. Annamaria e RONDELLI, Elizabeth em *Equilíbrio distante: fascínio pelo biográfico, descuido da crítica*, trabalho apresentado no GT de Comunicação e Sociabilidade do VII Encontro Anual da Compós. São Paulo, PUC, 1998. Refletindo sobre a biografia, as autoras levam adiante da tese de que hoje, mais do que em outras épocas, “produz-se

muita biografia no Brasil” e que “há um grande filão do mercado cultural que se sustenta da biografia”.

- 5 Considera-se aqui erro histórico quando há documentos ou depoimentos de testemunhas que alegam um ponto de vista aceito e que foi excluído da versão do biógrafo. No entanto, sabe-se que a própria história, como uma “ciência humana” lida com a reconstrução dos acontecimentos e reinterpretação dos comportamentos, portanto, também é passível de adotar visões equivocadas. Mas, para evitar isso, há métodos e técnicas de trabalho e de pesquisa. Esses procedimentos não são adotados em boa parte da literatura e da produção teatral ou cinematográfica de caráter biográfico, uma vez que não têm comprometimento acadêmico.
- 6 Muitas vezes fala-se em “fatos reais”. Um fato somente pode ser real. Se não for, será fantasia, ficção, mas não um fato. Essa é uma redundância comum em filmes e livros inspirados na história de vida de alguém.

Bibliografia

80

- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciência e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FABRE, Maurice. *História da comunicação*. Moraes: Lisboa, 1980.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: 34, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____, FIORE, Quentin. *O meio são as massa-gens: um inventário de efeitos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- MIRANDA, Ana. *Clarice Lispector: o tesouro de minha cidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Rioarte, 1995.
- MONOT, Philippe, SIMON, Michel. *Habiter le cybermonde*. Paris: Les Édition de l'Atelier/Éditions Ouvrières, 1998.

- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. V.1: Neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Rioarte, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Lisboa: Bertrand, 1982.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/UnB, 1992.

Palavras-chave:

1. novas tecnologias
2. comunicação
3. biografia
4. escrita
5. memória

